

## O Mistério do Livro – Parte 2



Arthur marcou com inspetor para as 17 horas do dia seguinte. Esperava dormir para tirar a aparência cansada, mas não conseguiu muito. Aquele homem o intrigava de uma forma completamente nova. Mal esperava para fazer um artigo sobre o caso e publicar em uma revista médica de grande importância, isso se não fizessem antes.

Quando chegou lá, Paolo já o esperava impaciente e com a mesma expressão carrancuda. Mandou que ele fosse o mais objetivo possível para extrair algo do paciente. Antes de chegarem ao leito, o inspetor foi até as enfermeiras e falou que se qualquer uma delas interrompesse seria presa por agressão a autoridade.

Arthur abriu a cortina, o homem estava de olhos fechados. Rapidamente tirou da mochila um livro. Esperava influenciá-lo da forma mais clara possível, não só com o livro em questão, mas também forçá-lo a ser um personagem antes que ele tivesse tempo para pensar no assunto.

- Watson! Watson, acorde! Não temos o tempo todo homem!

O desconhecido despertou assustado, aos pés dele estava pousado um livro com o título: O Cão dos Baskervilles. Ficou um tempo olhando para a obra. E então respondeu:

- Hã? Onde estou?

Será que não dera certo? E se ele nunca leu nenhum Conan Doyle?

- Está no hospital, Watson, meu caro. Era de se esperar devido ao incidente na livraria, não?

- Sherlock?

- Quem mais seria? Olhe... preciso saber exatamente o que aconteceu na livraria para dar prosseguimento aos meus estudos.
- Livraria? Oh, sim. Acho que me lembro, mas não completamente.
- John, pense com calma e me diga tudo o que lembra desde o momento em que ouviu a confusão.
- Ah meu Deus! Acha que tem algo a ver com o caso Baskerville?
- Não, acredito que foram fatos isolados. Antes de tudo temos que saber quem fez isso com você.
- Não lembro muito - disse ele franzindo a testa - Acho que a porta estava entreaberta e entrei. Um homem e uma mulher discutiam alto, ele segurava uma pistola. E havia mais um funcionário.

Nesse momento Paolo que estava ouvindo tudo do lado de fora pôs a mão na cortina para observar melhor o internado. O desconhecido percebeu e ficou vidrado olhando a mão do homem. Quando o inspetor tirou a mão já era tarde demais. A expressão do doente mudou totalmente, agora parecia irado. Antes de conseguir falar algo tossiu. Mas aquela tosse tinha um som peculiar, Arthur bem sabia, parecia algo como "gollum, gollum".

- Meu precioso! Eu quero meu precioso!

Arthur teve que conter o homem antes que ele tentasse pular para pegar a aliança da mão do inspetor. Teve que pensar em algo rapidamente antes que a loucura de Sméagol prejudicasse o estado de saúde daquele homem. Mas como fazer a transição para outro livro?

- Quatermain! - bravejou ele sacudindo o homem - Quatermain! Não dá para lamentar a morte de seu filho infinitamente.

O desconhecido, constantemente sacudido, olhou para Arthur, ainda tinha a expressão de fúria, mas aos poucos ela foi se desfazendo para uma de revolta.

- É fácil falar. Não foi você que perdeu o filho Henry.

Alívio. Conseguira mudar o livro e tranquilizar o homem. Graças a Rider Haggard.

- Perdão Allan, mas agora não é hora para isso. Precisamos saber quem fez isso a você para que a polícia prenda o sujeito. Se não me engano

você estava falando de uma discussão e um homem com uma arma – Agradeceu por ter pensado em uma história com armas, não poderia falar disso em um livro medieval.

- Sim – disse ele novamente franzindo o cenho – Eles não me viram de imediato, mas gritei quando o homem atirou no funcionário. Acho que ele se assustou comigo e atirou. Não lembro de mais nada.

Arthur pediu que esperasse e foi falar com o inspetor. Este mandou ele perguntar se não havia mais ninguém no recinto, que se certificasse. O desconhecido confirmou, só estavam lá os quatro. A história não batia. O que mais deveria perguntar?

Antes que pensasse no próximo passo o homem fechou os olhos e a frequência cardíaca baixou, estava entrando em choque? Ele gritou pelas enfermeiras. Estas, atrapalhadas, empurravam a máquina de ressuscitação para o leito. Daria tempo? Quando ele ia começar a tentar a massagem cardíaca o desconhecido abriu os olhos e falou uma única frase, a última antes de morrer, e que Arthur jamais esqueceria.

Ao discutir o caso mais tarde com o inspetor percebeu que ele não sabia como agir, as três pessoas citadas pelo homem foram achadas mortas na cena, e nenhuma arma, o que descartava o homicídio seguido de suicídio. Mas então Arthur lembrou: não foram três tiros que escutaram? Como quatro foram atingidos?

Nessa hora a mente de Paolo se iluminou, eles tinham ignorado esse fato pois a multidão nunca conta exatamente os tiros que escutam, e mesmo que fosse três havia a hipótese de que um tiro à queima roupa acertara duas pessoas. Mas não nesse caso.

A conclusão foi que após o pedido de exumação não foi achado o corpo do homem com a arma, o dono do sebo. Parece que estava discutindo com a mulher a necessidade do golpe que estavam prestes a dar. Muito endividado, esperava sumir do mapa com a ajuda do sobrinho, legista, às custas de um falso roubo a mão armada. O sobrinho foi preso e o falso morto foi achado meses depois.

Mesmo após o desenrolar desses fatos Arthur nunca mais esqueceu o estranho caso. E a última frase do desconhecido ainda o assusta e ecoa em sua mente.

- Vá então. Há outros mundos além deste.